

6b

DNVP - Part. Popular Nacional Alemão
DVP - Part. Popular Alemão
BVP - Part. Popular Bávaro

IAN KERSHAW

Hitler

Tradução
Pedro Maia Soares
5ª reimpressão



Prof. Felipe Pereira Loureiro
História das Relações Internacionais II
Aula / Cópias



A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

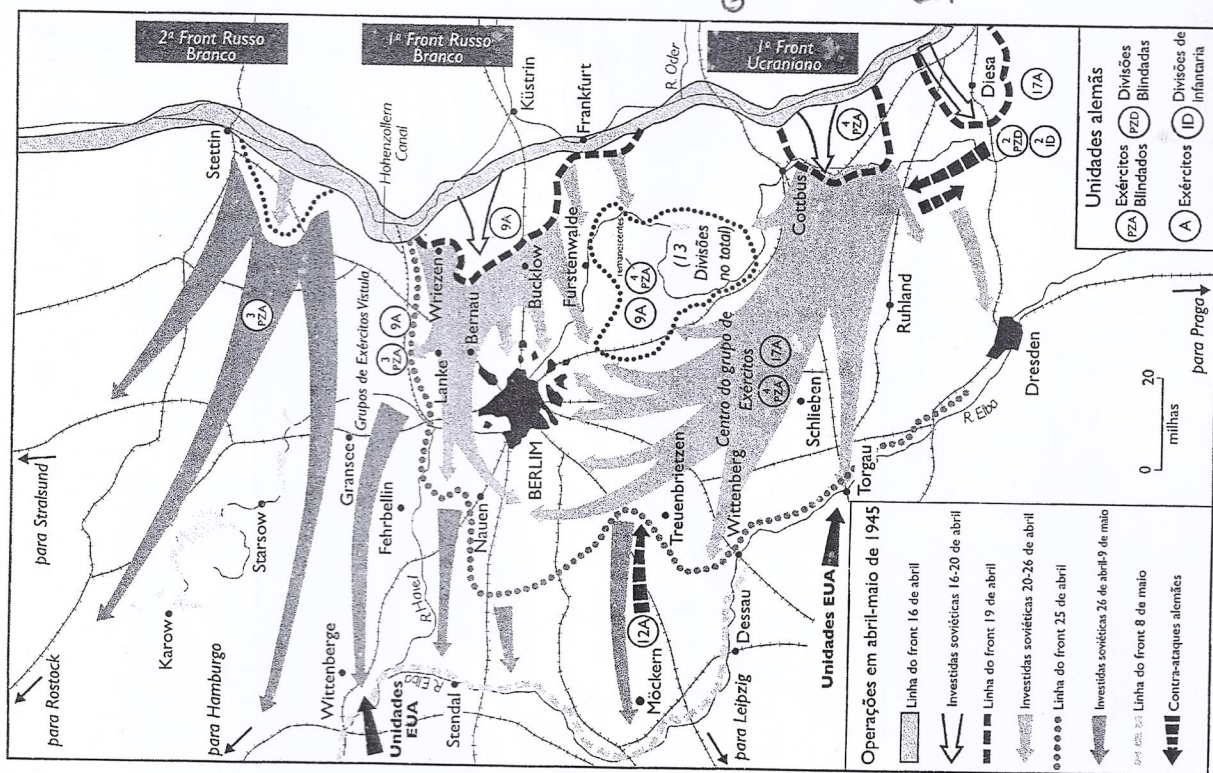
Prefácio à nova edição

Foi motivo de imensa satisfação para mim que os dois volumes da biografia original, *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, publicados em 1998 e 2000 respectivamente, tenham sido tão bem recebidos, tanto em língua inglesa como nas edições em línguas estrangeiras lançadas em numerosos países. A calorosa recepção na Alemanha foi particularmente gratificante.

Minha biografia pretendia ser, sobretudo, um estudo do poder de Hitler. Meu objetivo era responder a duas perguntas. A primeira era como Hitler foi possível. Como pôde um desajustado tão bizarro chegar a tomar o poder na Alemanha, um país moderno, complexo, economicamente desenvolvido e culturalmente avançado? A segunda era como Hitler pôde depois exercer o poder. Ele tinha certamente grande habilidade demagógica e, combinado a isso, sabia explorar implacavelmente a fraqueza de seus oponentes. Mas era um autodidata sem sofisticação que carecia de qualquer experiência de governo. A partir de 1933, ele teve de lidar não somente com nazistas grosseiros, mas com uma máquina de governo e círculos acostumados a mandar. Como conseguiu então dominar tão rapidamente as elites políticas estabelecidas, levar a Alemanha a uma aposta de alto risco catastrófico pelo domínio da Europa — que tinha em seu âmago um terrível programa de genocídio sem precedentes na história —, bloquear todas as possibilidades de um fim negociado para o conflito e, por fim,

QUAL TIPO DE BIOGRAFIA?

QUAIS PERGUNTAS?



8. O avanço soviético em direção a Berlim

se matar somente quando o arqui-inimigo estava à sua porta e o país em total ruína física e moral?

Encontrei a resposta a essas perguntas apenas de forma parcial na personalidade do estranho indivíduo que presidiu o destino alemão durante aqueles doze longos anos. É evidente que a personalidade conta na explicação histórica. Seria tolice sugerir que não. E Hitler, como concordavam aqueles que o admiravam ou o vituperavam, era uma personalidade extraordinária (embora, por mais variadas e numerosas que sejam as tentativas de explicação, possamos apenas especular sobre as causas formadoras de sua psicologia peculiar). Hitler não era intercambiável. O tipo de indivíduo que ele foi influenciou inquestionavelmente acontecimentos importantes de forma decisiva. Se o chanceler do Reich fosse Göring, por exemplo, não teria agido do mesmo modo em numerosas conjunturas cruciais. Pode-se dizer com certeza: sem Hitler, a história teria sido diferente.

Mas o impacto desastroso de Hitler não pode ser explicado somente pela personalidade. Antes de 1918, não havia sinais de seu magnetismo pessoal extraordinário. Era considerado um esquisito, às vezes uma figura digna de leve desprezo ou troça, mas jamais alguém que pudesse vir a ser um líder nacional. A partir de 1919, tudo isso mudou. Tornou-se objeto de uma adulação de massa crescente e, no fim, quase sem limites (bem como de ódio intenso de seus inimigos políticos). Isso sugere que a resposta ao enigma de seu impacto deve ser encontrada menos em sua personalidade do que nas novas circunstâncias de uma sociedade alemã traumatizada por uma guerra perdida, levantes revolucionários, instabilidade política, miséria econômica e crise cultural. Em qualquer outro momento, Hitler continuaria certamente a não ser ninguém. Mas, naquelas circunstâncias peculiares, surgiu uma relação simbiótica de natureza dinâmica e, em última instância, destrutiva entre o indivíduo com a missão de apagar o sentimento de humilhação nacional de 1918 e uma sociedade cada vez mais disposta a ver a liderança dele como vital para sua salvação futura, para resgatá-la das dificuldades nas quais, aos olhos de milhões de alemães, a derrota, a democracia e a depressão a haviam jogado.

Para resumir essa relação, numa chave para compreender como Hitler pôde obter e depois exercer sua forma peculiar de poder, voltei-me para o conceito de "autoridade carismática" criado pelo brilhante sociólogo alemão Max Weber, que morreu antes que se tivesse notícia de Hitler — ao menos do lado de fora das cervejarias de Munique. Não aprofundo aqui esse conceito, que figurou com

destaque em meus escritos sobre Hitler e o Terceiro Reich durante muitos anos. Porém, ele está inequivocamente no cerne da investigação. A "autoridade carismática", tal como definida por Weber, não deriva de qualidades importantes e demonstráveis de um indivíduo, mas sim da percepção dessas qualidades por um "séquito" que, em meio a condições de crise, projeta sobre um líder escolhido atributos "heroicos" e nele vê grandeza pessoal, a encarnação de uma "missão" salvífica. Na conceituação de Weber, a "autoridade carismática" é inerentemente instável. O fracasso ou o infortúnio continuado provocam sua queda; e ela representa a ameaça de se "rotinizar" numa forma sistemática de governo.

A aplicação do conceito de "autoridade carismática" pareceu-me oferecer uma maneira útil de abordar as duas questões centrais que eu havia proposto. Em minha opinião, o conceito ajuda a avaliar a relação entre Hitler e a adesão em massa que moldou sua ascensão — embora em condições jamais imaginadas por Max Weber — e de que modo a imagem de liderança "heroica" associada a Hitler, explorando expectativas de salvação nacional pseudorreligiosas preexistentes, era, em boa medida, produto de propaganda manufaturada. E também o considero valioso para examinar o modo como o regime altamente personalizado de Hitler desgastou o governo e a administração e era incompatível com eles. Evidentemente, na metade da guerra, a popularidade de Hitler estava em forte queda e qualquer domínio "carismático" do governo e da sociedade estava em declínio acentuado. Mas àquela altura a Alemanha já estava casada havia uma década com sua dominação "carismática". Aqueles que deviam suas posições de poder à supremacia "autoridade de Führer" de Hitler ainda a sustentavam, fosse por convicção, fosse por necessidade. Eles haviam ascendido com Hitler. Agora, estavam condenados a cair com ele. Hitler não lhes deixara outra saída. A autoridade dele dentro do regime começou a desmoronar somente quando a Alemanha encanou a derrota iminente e total. E, enquanto esteve vivo, representou uma barreira insuperável para o único modo de levar ao fim a guerra que ele havia provocado: a capitulação de seu país.

Vinculei "autoridade carismática" a outro conceito, para mostrar como funcionava a forma altamente personalizada de governo de Hitler. Trata-se, tal como é referida no texto, da noção de "trabalhar para o Führer", a qual funciona como uma espécie de leitmotiv ao longo da biografia. Tentei usá-la para mostrar como os objetivos presumidos de Hitler serviram para provocar, ativar ou legitimar iniciativas em níveis diferentes do regime, levando adiante, consciente ou inadvertida-

TESE:

PERSONALIDADE
NÃO É TUDO

MAS TAMBÉM
NÃO É
DESCARTÁVEL

RESPOSTA
ESTÁ NA
SOCIEDADE

AUTORIDADE
CARISMÁTICA

CHAVE

O QUE É
AUTORIDADE
CARISMÁTICA
?

POR QUE
ESSE CONCEITO
AJUDA?

mente, a dinâmica destrutiva do poder nazista. Com essa noção, não quis sugerir que o povo, em todos os momentos, procurou saber o que Hitler pretendia e depois tentou pôr isso em prática. Alguns, em especial os fiéis do partido, fizeram mais ou menos isso. Mas muitos outros — digamos, ao boicotar uma loja judia para proteger um negócio concorrente, ou ao denunciar um vizinho à polícia em virtude de alguma queixa pessoal — não se perguntavam quais seriam as intenções do Führer, tampouco agiam por motivação ideológica. Não obstante, estavam, de maneira modesta, ajudando a sustentar e promover os alvos ideológicos representados por Hitler e, desse modo, ajudando no processo de radicalização pelo qual esses alvos — nesse caso, a “limpeza racial” da sociedade alemã — se tornaram gradualmente mais percebidos como metas realizáveis no curto prazo, em vez de objetivos distantes.

A abordagem que escolhi fez com que os dois volumes fossem necessariamente longos. Mas, mesmo além do texto, havia muito a ser acrescentado. Eu estava disposto a oferecer referências completas às extensas fontes documentais — tanto de arquivos e de fontes primárias impressas, quanto da rica literatura secundária que havia utilizado —, primeiro para que outros pesquisadores pudessem localizá-las e reexaminá-las, se necessário, e, em segundo lugar, para remover as distorções de alguns relatos ou desfazer mitos que se haviam ligado a Hitler. Às vezes, as notas se transformavam em pequenas digressões sobre detalhes que não podiam ser expandidos no texto, ou ofereciam comentários adicionais sobre eles. Escrevi longas notas em *Hubris*, por exemplo, aprofundando questões de interpretação na historiografia e sobre diferentes opiniões a respeito da psicologia de Hitler; e, em *Nemesis*, sobre a autenticidade do texto dos monólogos finais do início de 1945 e sobre os indícios complexos (e às vezes conflitantes) das circunstâncias da morte de Hitler e a descoberta de seus restos mortais pelos soviéticos. Tudo isso fez com que os dois volumes ficassem enormes, totalizando quase 1.450 páginas de texto e quase 450 páginas de notas e bibliografia. É óbvio que nem todos os leitores podem dedicar tempo e energia suficientes para uma obra dessa magnitude. E, naturalmente, nem todos os leitores estão interessados no aparato acadêmico.

Depois de muito pensar, decidi então produzir esta edição condensada: Ao empreendê-la, lembrei-me do trecho do filme *Amadeus* em que o Kaiser diz a Mozart que gosta da ópera dele, exceto pelo fato de que ela contém notas de mais. “Notas de mais, majestade?”, exclama o músico indignado. “Não há nem de mais,

nem de menos. Apenas exatamente o número certo.” É mais ou menos assim que me sinto em relação a meus dois volumes originais. Eles assumiram a forma e o tamanho que assumiram porque eu queria escrevê-los exatamente daquela maneira. Assim, a poda drástica que entrou nesta edição — com a perda de mais de 650 páginas (mais de 300 mil palavras) de texto e todo o aparato acadêmico — foi muito dolorosa. E, é claro, vai contra a natureza do historiador publicar um texto sem referências e notas. Mas me consolo ao pensar que as notas e as referências bibliográficas estão todas lá para consulta daqueles que quiserem checá-las no texto completo da versão original em dois volumes, que continuará em catálogo. E o texto resumido, embora muito encurtado para tornar este volume mais acessível, é perfeitamente fiel ao original. Cortei muita coisa que se depreendia do contexto, tirei numerosos exemplos ilustrativos, encurtei ou removi muitas citações e eliminei algumas seções inteiras que descreviam o clima social e político geral ou o cenário em que Hitler agia. Em dois casos, mesclei capítulos. Afora isso, a estrutura é idêntica à original. A essência do livro permanece completamente intacta. Eu não quis e não vi necessidade de mudar a interpretação geral. E, num exercício dedicado a reduzir o tamanho do texto, não quis naturalmente acrescentar coisas. Afora alguns ajustes insignificantes de palavras, incorporei apenas uma ou duas pequenas emendas ao que havia escrito antes. Uma vez que as notas originais foram excluídas, não parecia fazer sentido incluir as longas bibliografias de obras que usei na edição em dois volumes. Mas fiz uma seleção das fontes primárias impressas mais importantes para uma biografia de Hitler, todas utilizadas por mim (exceto uma ou outra publicação recente). A maioria está escrita evidentemente em alemão, embora eu acrescentei, quando relevante, uma referência a traduções para o inglês.

Minhas muitas dívidas de gratidão continuam as mesmas presentes nos agradecimentos de *Hubris* e *Nemesis*. Mas, além disso, gostaria de acrescentar meu muito obrigado, por esta edição, a Andrew Wylie e a Simon Winder, e à excelente equipe da Penguin. Por fim, é um grande prazer acrescentar Olivia ao rol da família, ao lado de Sophie, Joe e Ella, e agradecer, como sempre, a David e Katie, Stephen e Becky e, é claro, a Betty, por seu amor e apoio constante.

Ian Kershaw
Manchester/Sheffield, agosto de 2007

Reflexões sobre Hitler

PERGUNTA
FUNDAMENTAL
DA OBRA

POSSIBILIDADES

VISÕES
SOBRE
HITLER

no, esse país sofisticado do coração da Europa estava trabalhando para o que viria a ser uma guerra genocida apocalíptica que deixou a Alemanha e a Europa não apenas divididas por uma Cortina de Ferro e fisicamente em ruínas, mas moralmente arrasadas. Isso ainda carece de explicação. A combinação de uma liderança dedicada a uma missão ideológica de regeneração nacional e purificação racial; uma sociedade com crença suficiente em seu Líder para trabalhar em prol dos objetivos que ele parecia buscar; e uma administração burocrática competente, capaz de planejar e implementar políticas, por mais desumanas que fossem, e entusiasmada em fazê-lo, oferecem um ponto de partida. Mesmo assim, descobrir como e por que essa sociedade pôde ser galvanizada por Hitler é algo que requer exame detalhado.

Na busca pelas causas da desgraça da Alemanha e da Europa, seria conveniente não ir além da pessoa do próprio Adolf Hitler, governante alemão de 1933 a 1945, cuja filosofia de desumanidade espantosa foi publicamente anunciada quase oito anos antes de ele se tornar chanceler do Reich. Mas, apesar de toda a sua responsabilidade moral pelo que aconteceu sob seu regime autoritário, uma explicação pessoalizada seria uma simplificação grosseira da verdade. Poder-se-ia dizer que Hitler oferece uma ilustração clássica da máxima de Karl Marx de que "os homens fazem sua história [...] mas [...] sob condições determinadas e impostas". Em que medida "condições determinadas e impostas" eventos impessoais fora do controle de qualquer indivíduo, por mais poderoso que fosse, moldaram o destino da Alemanha; quanto pode ser posto na cota da contingência, até mesmo do acidente histórico; o que pode ser atribuído às ações e motivações do homem extraordinário que governou o país naquela época: tudo isso precisa ser investigado. Tudo faz parte da investigação deste livro. Respostas simples não são possíveis.

Desde que ganhou notoriedade na década de 1920, Hitler foi visto de muitas e diferentes maneiras, muitas vezes diretamente contrastantes. Foi considerado, por exemplo, não mais que "um oportunista totalmente sem princípios", "desprovido de qualquer ideia, exceto uma: aumentar mais seu próprio poder e o da nação com que se identificara", preocupado somente com a "dominação, travestida em doutrina da raça", e não consistindo de outra coisa senão "destrutividade vingativa". Em contraste completo, foi retratado como alguém que levou a cabo com fanatismo um programa ideológico pré-planejado e preestabelecido. Houve tentativas, ainda, de vê-lo como um tipo de vigarista político que hipnotizou e enfeitiçou o povo ale-

DITADURA

HITLER

PARADIGMA

SÉC. XX

TESES

FORTE

COLAPSO

CIVILIZAÇÃO

SÓ PODERIA

OCORRER

EM UM

PAÍS CIVILIZADO

A diadema de Hitler tem a característica de um paradigma para o século xx. De forma intensa e extrema, ela significou, entre outras coisas, a reivindicação total do Estado moderno, graus imprevistos de repressão e violência estatal, manipulação sem paralelo anterior dos meios de comunicação para controlar e mobilizar as massas, cinismo sem precedentes nas relações internacionais, os graves perigos do ultranacionalismo, o poder imensamente destrutivo das ideologias de supremacia racial e as consequências últimas do racismo, ao lado da utilização perversa da tecnologia moderna e da "engenharia social". Sobre tudo, acendeu um farol de advertência que ainda brilha com intensidade: mostrou como uma sociedade moderna, avançada, culta pode afundar rapidamente na barbárie, culminando em guerra ideológica, brutalidade e rapacidade dificilmente imagináveis, e em um genocídio como o mundo jamais testemunhara. A ditadura de Hitler equivaleu ao colapso da civilização moderna: uma forma de explosão nuclear dentro da sociedade. Ela mostrou do que somos capazes.

O século que, num certo sentido, foi dominado pelo nome de Hitler ganhou muito de seu caráter da guerra e do genocídio, marcas registradas do ditador alemão. O que aconteceu sob o regime de Hitler ocorreu — na verdade, só poderia ter ocorrido — na sociedade de um país moderno, culto, tecnologicamente avançado e altamente burocrático. Poucos anos depois de ele se tornar chefe do gover-

de "grandeza negativa", que, embora carecesse da nobreza de caráter e outros atributos que se supunha pertencerem à "grandeza" das figuras históricas, seu impacto sobre a história era inegavelmente imenso, ainda que catastrófico. No entanto, a "grandeza negativa" também pode ter conotações trágicas: empenho poderoso e espantosas realizações perversas; grandeza nacional transformada em catástrofe nacional.

Parece melhor evitar totalmente a questão da "grandeza" (exceto tentar entender por que tantos contemporâneos viram "grandeza" em Hitler). É uma pista falsa: mal interpretada, sem sentido, irrelevante e potencialmente apologetica. É uma interpretação errada porque não foge ao que as teorias dos "grandes homens" fazem: personalizam de modo extremo o processo histórico. Sem sentido, porque toda a noção de grandeza histórica é, em última análise, inútil. Baseado num conjunto subjetivo de juízos morais ou até mesmo estéticos, é um conceito ético-filosófico que não leva a nada. Irrelevante porque, independente da resposta à questão da suposta "grandeza" de Hitler ser positiva ou negativa, ela em si mesma não explicaria nada sobre a terrível história do Terceiro Reich. E potencialmente apologetica porque o simples fato de propor a questão não consegue esconder uma certa admiração por Hitler, por mais relutante que seja; e porque, enfim, procurar grandeza em Hitler acarreta o corolário automático de reduzir ao papel de meros figurantes ao lado do "grande homem" aqueles que promoveram diretamente seu regime, as instâncias diversas que o sustentaram e o povo alemão que lhe deu tanto apoio.

Em vez de tratar da "grandeza histórica", precisamos voltar nossa atenção para outra pergunta, de muito maior importância. Como explicarmos que alguém com tão poucos dons intelectuais e atributos sociais, alguém que não era mais que um recipiente vazio fora de sua vida política, inacessível e impenetrável até mesmo para aqueles que conviviam com ele, incapaz aparentemente de uma amizade genuína, sem a formação que preparava para os altos cargos, sem nem mesmo qualquer experiência de governo antes de se tornar chanceler do Reich, pôde, não obstante, causar um impacto histórico tão imenso, pôde fazer o mundo inteiro segurar a respiração?

A pergunta talvez esteja, ao menos em parte, mal formulada. Antes de mais nada, Hitler certamente não era burro e possuía uma mente afiada que podia recorrer a uma memória formidável. Com sua compreensão rápida das questões, era capaz não somente de impressionar, como era de esperar, seu círculo de bajuladores, mas também estadistas e diplomatas frios, críticos e experimentados. Seu talento retórico foi evidentemente reconhecido até por seus inimigos políticos. Ele por certo não foi o único líder político do século XX a combinar o que poderia ser considerado deficiências de caráter e superficialidade de desenvolvimento intelectual com habilidade e eficácia políticas notáveis. É bom evitar a armadilha, em que a maioria de seus contemporâneos caiu, de subestimar grosseiramente suas capacidades.

SAIR DA
QUESTÃO DA
GRANDEZA

PERGUNTA
DEVE SER
OUTRA

HITLER
NÃO ERA
BURRO, PORÉM

Ademais, outros além de Hitler ascenderam de famílias humildes para altos cargos. Mas, se sua ascensão da total anonimidade não é única, o problema postulado por Hitler permanece. Um motivo é o vazio da pessoa privada. Como foi dito com frequência, ele equivalia a uma "não pessoa". Nesse julgamento talvez haja um elemento de condescendência, uma disposição para tratar com superioridade o arrivista vulgar; inculto, que carece de uma personalidade impecável, o estranho com opiniões simplórias sobre tudo o que existe sob o sol, o despreparado árbitro autodesignado da cultura. Em parte, o buraco negro que representa o indivíduo privado também deriva do fato de que Hitler era muitíssimo reservado, sobretudo sobre sua vida pessoal, seu passado e sua família. O segredo e o insulamento eram traços de seu caráter e se aplicavam também a seu comportamento político; eram também politicamente importantes, componentes da aura de liderança "heroica" que ele permitira conscientemente que fosse construída, intensificando o mistério sobre si mesmo. Ainda assim, depois de fazer todas as qualificações, resta o fato de que fora da política (e de uma paixão limitada pela grandiosidade cultural e pelo poder da música, das artes e da arquitetura), a vida de Hitler era, em larga medida, um vazio.

HITLER
→
NÃO PESSOA

PROBLEMAS
BIOGRAFIA
NÃO -
PESSOA

A biografia de uma "não pessoa", de alguém que quase não tem vida ou história pessoal além daquela dos eventos políticos em que se envolveu, impõe naturalmente limitações próprias. Mas os inconvenientes existem somente na medida em que se presume que a vida privada é decisiva para a vida pública. Tal presunção seria um erro. Hitler não tinha "vida privada". É claro que ele podia gostar de seus filmes escapistas, de sua caminhada diária à Casa de Chá no Berghof, do tempo passado em seu idílio alpino longe dos ministérios do governo em Berlim. Mas eram rotinas vazias. Não havia recolhimento para uma esfera fora do político, para uma existência mais profunda que condicionasse seus reflexos públicos. Não é que sua "vida privada" tenha se tornado parte de sua persona pública. Ao contrário: ela permaneceu tão reservada que o povo alemão só soube da existência de Eva Braun,

EX:
COLLAR

SER HITLER
SUBORDINOU-SE
AO PAPEL DE
FÜHRER

TIPO DE
BIOGRAFIA

PODER
FÜHRER

↳ PARTE

ATRIBUTOS
HITLER

↳ PARTE
SOCIAL

PODER

CARISMÁTICO

por exemplo, depois que o Terceiro Reich havia sido reduzido a cinzas. Na verdade, Hitler "privatizou" a esfera pública. "Privado" e "público" fundiram-se completamente e se tornaram inseparáveis. O ser de Hitler inteiro subordinou-se ao papel que ele desempenhava com perfeição: o de "Führer".

A essa altura, a tarefa do biógrafo fica mais clara. É uma tarefa que não tem de se conceber na personalidade de Hitler, mas diretamente no caráter de seu poder. ~~→ o poder do Führer~~

Esse poder originava-se somente em parte do próprio Hitler. Em maior medida, era um produto social — uma criação de expectativas e motivações sociais investidas em Hitler por seus seguidores. Isso não significa que as ações dele, no contexto de seu poder em expansão, não fossem da maior importância em momentos cruciais. Mas o impacto de seu poder precisa ser visto, em larga medida, não em qualquer atributo específico de "personalidade", mas em seu papel de Führer, um papel que se tornou possível somente mediante a submissão, os erros, as fraquezas e a colaboração dos outros. Portanto, para explicar seu poder, devemos olhar em primeiro lugar para os outros, não para o próprio Hitler.

Seu poder era de um tipo extraordinário. Ele não baseava sua reivindicação ao poder (exceto num sentido muito formal) em sua posição de líder do partido, ou em qualquer posição funcional. Ele o extraía do que considerava sua missão histórica de salvar a Alemanha. Em outras palavras, seu poder era "carismático", e não institucional. Dependia da disposição dos outros de ver qualidades "heroicas" nele. E eles viram de fato essas qualidades, talvez mesmo antes de ele passar a acreditar nelas.

Franz Neumann, um dos mais brilhantes analistas contemporâneos do fenômeno nazista, observou: "O domínio carismático tem sido negligenciado e ridicularizado há muito tempo, mas tem claramente raízes profundas e se torna um estímulo poderoso quando se criam as condições psicológicas e sociais adequadas. O poder carismático do Líder não é um mero fantasma — ninguém pode duvidar que milhões acreditem nele". A contribuição de Hitler para a expansão desse poder e para suas consequências não deve ser subestimada. Uma breve reflexão contrafactual enfatiza o que digo. Poderíamos perguntar se é provável que um Estado policial terrorista como o que se desenvolveu sob o comando de Himmler e da SS teria sido erguido sem Hitler como chefe de governo. A Alemanha, dirigida por um líder diferente, mesmo autoritário, teria se envolvido no fim da década de 1930 numa guerra europeia geral? E, com um chefe de Estado diferente, a discrí-

minação contra os judeus (que com quase certeza teria ocorrido) culminaria num genocídio total? A resposta a cada uma dessas perguntas seria certamente "não", ou, no mínimo, "altamente improvável". Quaisquer que fossem as circunstâncias externas e os determinantes pessoais, Hitler não era intercambiável.

O poder altamente pessoalizado que Hitler exercia condicionava até indivíduos perspicazes e inteligentes — clérigos, intelectuais, diplomatas estrangeiros, visitantes ilustres — a serem impressionados por ele. Em sua maioria, eles não teriam sido cativados pelos mesmos sentimentos expressos para uma multidão estridente de uma cervejaria de Munique. Mas com a autoridade da Chancelaria do Reich por trás, apoiado por multidões devotas, cercado pelos adornos do poder, envolvido pela aura de grande liderança trombeteada pela propaganda, pouco surpreende que outros, além dos completamente ingênuos e crédulos, pudessem julgá-lo impressionante. O poder era também o motivo de seus subalternos — líderes nazistas subordinados, séquito pessoal, chefes provinciais do partido — ouvirem atentamente cada palavra sua, antes de fugirem, como os proverbais ratos de um navio afundando, quando esse poder estava no fim, em abril de 1945. A mística do poder também explica com certeza por que tantas mulheres (em especial aquelas muito mais jovens do que ele) viam em Hitler — uma pessoa que para nós parece ser a antítese da sexualidade — um símbolo sexual e muitas delas tentassem o suicídio por ele.

Uma história de Hitler, portanto, tem de ser uma história de seu poder — como ele chegou a obtê-lo, qual era seu caráter, como ele o exerceu, por que deixaram que ele o expandisse até romper com todas as barreiras institucionais, por que a resistência a esse poder foi tão débil. Mas essas são perguntas que devem ser feitas à sociedade alemã, não apenas a Hitler.

Não há necessidade de menosprezar o papel dos traços inerentes ao caráter de Hitler. Determinação, inflexibilidade, impiedade ao descartar todos os obstáculos, astúcia cínica, o instinto do jogador para o tudo ou nada nas apostas mais altas: cada uma dessas características ajudou a moldar a natureza de seu poder. Esses traços de caráter uniram-se num elemento dominante de sua força interior: sua egomania sem limites. O poder era o afrodisiaco de Hitler. Para alguém tão narcisista como ele, o poder oferecia um objetivo depois de seus primeiros anos de irresolução, uma compensação para todos os reveses profundamente sentidos da primeira metade de sua vida — rejeição como artista, falência social que o levou a uma pensão barata em Viena, o desmoronamento de seu mundo na derrota e na revolução de 1918. O

TRACOS
HITLER
SAO
IMPORTANTE
PORÉM
NAO OS
UNICOS

poder o consumia totalmente. Um observador perspicaz comentou em 1940, mesmo antes do triunfo sobre a França: "Hitler é o suicida em potencial *par excellence*. Ele não tem laços fora de seu ego. [...] Ele está na posição privilegiada de alguém que não ama nada e ninguém senão ele mesmo. [...] Então, pode ousar tudo para preservar ou aumentar seu poder [...] que é a única coisa que se interpõe entre ele e a morte rápida". A sede de poder pessoal dessa magnitude combinou-se com um apetite insaciável por conquistas territoriais que equivalia a uma aposta onipotente — contra chances extremamente poderosas — no monopólio do poder: no continente europeu e, mais tarde, no mundo. A busca incansável pela expansão cada vez maior do poder não podia contemplar diminuição, confinamento ou restrição. Além disso, dependia da continuação do que era tido como "grandes realizações". Sem nenhuma capacidade de limitação, a progressiva megalomania continha inevitavelmente as sementes da autodestruição do regime que Hitler comandava. A combinação com suas tendências suicidas inerentes era perfeita.

Por mais que o monopolizasse, o poder para Hitler não era uma questão de poder por si mesmo, desprovido de conteúdo ou significado. Ele não era apenas um propagandista, um manipulador, um mobilizador. Era tudo isso. Mas era também um ideólogo de convicções inabaláveis — o mais radical dos radicais como expoente de uma "visão de mundo" internamente coerente (por mais repelente que seja para nós) que adquiriu seu impulso e potência de sua combinação de algumas ideias básicas — integradas pela noção da história da humanidade como história da luta racial. Sua "visão de mundo" deu-lhe uma explicação arrondada dos males da Alemanha e do mundo, e como remediá-los. Ele manteve-se fiel a essa visão desde o início dos anos 1920 até sua morte no bunker. Ela consistia numa visão utópica da redenção nacional; não era um conjunto de políticas de médio alcance. Mas não era capaz somente de incorporar todas as diferentes linhas da filosofia nazista: combinadas com as habilidades retóricas de Hitler, ela significou também que ele logo se tornou praticamente incontestável a respeito de qualquer ponto da doutrina do partido.

As metas ideológicas de Hitler, suas ações e sua contribuição pessoal para a moldagem dos eventos precisam, portanto, receber a mais séria atenção. Mas estão longe de explicar tudo. O que Hitler não fez, não instigou, mas que foi, não obstante, posto em movimento pelas iniciativas de outros, é tão vital quanto as ações do próprio ditador para compreender a "radicalização cumulativa" fatal do regime.

Uma abordagem que se volte mais para as expectativas e motivações da sociedade alemã (em toda a sua complexidade) do que para a personalidade de Hitler para explicar o impacto imenso do ditador oferece o potencial de explorar a expansão de seu poder através da dinâmica interna do regime que ele chefiou e das forças que ele desencadeou. Essa abordagem está resumida na máxima enunciada por um funcionário nazista em 1934 — e que propicia de certo modo um leitmotiv para a obra como um todo: no Terceiro Reich, cada pessoa tinha o dever de "trabalhar para o Führer no sentido que ele desejasse", sem esperar por instruções de cima. Essa máxima, posta em prática, foi uma das forças propulsoras do Terceiro Reich, traduzindo as metas ideológicas frouxamente formuladas em realidade por meio de iniciativas centradas em trabalhar para a realização dos objetivos visionários do ditador. A autoridade de Hitler era, evidentemente, decisiva. Mas as iniciativas que ele sancionava derivavam com mais frequência de outros. Hitler não foi um tirano imposto à Alemanha. Embora jamais tivesse obtido maioria em eleições livres, foi legalmente nomeado para o poder, no posto de chanceler do Reich, do mesmo modo que seus antecessores haviam sido, e pode-se dizer que se tornou, entre 1933 e 1940, o chefe de Estado mais popular do mundo. Compreender isso exige a reconciliação do aparentemente irreconciliável: o método personalizado da biografia e as abordagens contrastantes da história social (inclusive as estruturas da dominação política). O impacto de Hitler só pode ser entendido através da época que o criou (e que foi destruída por ele). A interpretação não deve apenas dar plena conta de seus objetivos ideológicos, suas ações e sua contribuição pessoal para a moldagem dos eventos: ela deve, ao mesmo tempo, localizar esses aspectos dentro das forças sociais e estruturas políticas que permitiram, moldaram e promoveram o crescimento de um sistema que passou cada vez mais a depender de um poder pessoal e absoluto, com os efeitos desastrosos que dele decorreriam.

O ataque nazista às raízes da civilização foi um traço definidor do século xx. Hitler foi o epicentro desse ataque. Mas ele foi seu principal expoente, não sua causa primeira.

PODER P/
HITLER:
IDEOLOGIA
X VISÃO DE
MUNDO

RESUMO
TESE